DISCURSO DE ENCERRAMENTO DA 1ª. TURMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM "DIREITO E RELAÇÕES DO TRABALHO" DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

*Mauro Luís Iasi**

Ilmo. Sr. Diretor, Dr. Luiz Antônio Mattos Pimenta Araújo.

Ilmo. Sr. Coordenador da Pós-Graduação, Professor Osvaldo Caron.

Ilmas. Sras. Doutoras Eliana Borges Cardoso, idealizadora deste curso quando Diretora desta Instituição, e Ivani Contini Bramante, coordenadoras do Curso de "Direito e Relações do Trabalho".

Srs. e Sras. Professores e Professoras do curso.

Sra. Elizabeth Godoy, que tanto apoiou esta iniciativa e na figura da qual cumprimento todos os funcionários que tornaram possível este curso.

Srs. e Sras. funcionários e funcionárias da Pós-Graduação, Abelardo, Marcia e Micheli.

Caríssimos alunos e alunas desta Primeira Turma.

Ali estava a matéria inerte. A pedra. A madeira. A terra. Ali estava o ser humano, com sua humana fome, vazio, assustado diante daquilo que não conhecia, pequeno diante da enormidade da natureza que diante dele se erguia.

Ali estavam suas mãos, frágeis, sem garras, sem força, tocando a pedra, percorrendo os veios da madeira, sentindo a terra escorrer entre seus dedos.

Sua fome, suas mãos, os elementos de uma natureza dispersa e sem sentido. Mas, aí ocorre o milagre: suas mãos guiam seu cérebro que guia suas mãos, sua fome guia suas mãos e seu cérebro, sua fome dá forma à pedra, molda a madeira e afaga a terra que abraça suas mãos; o fruto, o trigo, suas mãos e o trigo, a fome e a massa, sua fome e o pão, o fogo, suas mãos, sua boca e o pão, o calor do fogo, sua fome enfim saciada.

O pão é sua fome saciada, mas paremos o tempo por um instante. É certo, o pão consumido é que sacia a fome, mas paremos um pouco antes, no pão produto diante de seu criador, antes da fome saciada, o corpo cansado, olhando seu produto recém nascido, quente do calor do forno, forno que já foi barro sem sentido, o fogo que brilha no olho de quem fez o pão e se reconhece no pão feito. Um pão humano que já foi trigo sem sentido, um homem pão, que já foi carne e só carne sem pão.

---

* Doutor em Ciências Sociais pela USP. Professor Titular de Ciência Política e Teoria do Estado e ex-coordenador de pós-graduação da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.

Algo mais foi aí saciado além da fome. Não foi apenas o homem que fez o pão, foi o pão que fez o homem que faz pão. Ao mesmo tempo em que as mãos humanas moldavam os elementos para satisfazer suas necessidades, os elementos moldavam o humano, transformavam-no, criavam-no como humano que já foi carne sem sentido, o criavam como criador.

Quando foi que o trabalho que produz o humano, passou a desumanizar o que humanizou, quando foi que nossos olhos deixaram de se reconhecer no produto de nosso trabalho? Quando foi que o trabalho deixou de ser a própria vida, para se transformar num mero meio precário de vida? Quando foi que o exultante cansaço da realização se converteu apenas em cansaço, tendões partidos, lesões, abandono, exploração? Em que momento a realização do trabalho passou a ser a desrealização do trabalhador?

Foi quando o humano inventou de inventar a injustiça. Foi também quando o humano inventou de inventar o Direito para buscar a justiça que se perdia. Há Direito. Há o trabalho, mas haverá Direito do Trabalho?

Aristóteles acreditava que não. O Direito era coisa de gente livre, de seres humanos destinados à vida plena. Àqueles a quem natureza deu apenas a força de seu corpo estariam condenados a ser apenas instrumentos da vontade de seus senhores, uma coisa possuída, um escravo. Direito é para senhores, trabalho para escravos, só o que falta é direitos para escravos.

A vida é uso, não produção, dizia Aristóteles. O trabalho danifica o homem. A vida plena exige que alguém trabalhe para que outro viva. O pão, a casa, a roupa, a música, o vinho, relaxam a alma, saciam a fome, protegem o corpo. O forno, a máquina, a ferramenta, a enxada, a vinha, consomem o corpo, esvai-se a vida. Que escravos trabalhem, para que os homens vivam.

Hoje a riqueza se multiplica, as mercadorias proliferam, as miragens de bem estar brilham falsas como bijuterias de vidro que enganam a vista e tornam o trabalho invisível. Fim do trabalho, fim da história, era da consciência cínica, tempos de hipocrisia. Os trabalhadores devem aceitar sua sina, curvar-se diante da chantagem tecnológica, precisam flexibilizar seus direitos, abrir mão de conquistas pelo mero direito, quem sabe de estar entre os que ainda vão trabalhar por um tempo até serem descartados junto ao exército de enjeitados.

Há anos disseram que o trabalho iria acabar. Hannah Arendt afirmou que em décadas as fábricas estariam vazias com o advento das novas tecnologias. O ABC sumiria do mapa, o trabalho seria lembrado em museus ao lado da roda de fiar e dos engenhos de cana.

Mas o mundo do fim do trabalho apresentou-se bem diferente. Nunca se trabalhou tanto Em 1998 eram 9489 indústrias no Grande ABC e 61949 estabelecimentos terciários em 2005 eram 9955 indústrias (4,9%) e 74493 estabelecimentos terciários (20,2%). A força de trabalho mundial passou de 1,4 para 2,9 bilhões de pessoas, vivendo de seu trabalho, produzindo tudo que se consome, se compra e se vende, mas se tornaram invisíveis. Não são mais seres humanos, são mexicanos, latinos, árabes, turcos, nordestinos, gente que só tem a oferecer sua

força de trabalho, modernas coisas possuídas, sem direitos que continuam reservados apenas aos seres humanos que merecem a vida plena, protegidos atrás de seus muros.

Diante de tudo isto nos sentimos pequenos, assustados, vazios. Diante de nós as peças fragmentadas de um mundo sem sentido e ameaçador. Nossas mãos, o mundo sem sentido, nossa fome de pão, nossa sede de justiça, nossas mãos recolhem cada peça, ali os Direitos Individuais do Trabalho, lá Direitos Coletivos, soma-se aspectos sociológicos, culturais, as relações de trabalho no setor Público, os crimes e as relações de trabalho, o Direito Previdenciário, o meio ambiente do trabalho, o direito privado, a pessoa e o mercado, o trabalho e a realidade regional, e nossas mãos voltam a moldar o mundo, o produto, o curso Direito e das relações do Trabalho, um sonho vai se formando diante de nós, ali quente saindo do forno, tomando forma.

Olhos brilham diante de seu produto. Paremos, entretanto, um pouco aqui. Ainda não passa de um sonho. Falta algo, falta alma, um sopro de vida, mas aí estão eles, chegando com sede de conhecimento, estudando, pedindo, nos olhando. Não que tenham sido cobaias...bom, foram cobaias, foram nossa matéria prima, mas eis que ocorre um outro milagre. Enquanto nós trabalhávamos, eles nos trabalhavam e antes que nos apercebêssemos estavam ao nosso lado, suas mãos nos moldando enquanto as nossas os moldavam, cúmplices, artífices, numa obra coletiva como só pode ser o trabalho.

E aqui está, saindo do forno, quente, recém nascido, diante de nós, nossas mãos cansadas, nossos olhos brilhando, o produto de nosso trabalho, e nós nos reconhecemos em nosso produto, não, não é um mero meio de vida, é nossa vida.

Não sei se há Direito do Trabalho, não sei se o trabalho acabará um dia, não sei se a injustiça finalmente vencerá, mas nós trabalhamos e resistimos na tarefa de moldar o mundo e continuaremos a criar. Por isso tenho certeza que no momento em que a primeira turma de Direito e Relações do Trabalho da Faculdade de Direito de São Bernardo sai do forno, o mundo se torna um pouco, um pouco, pelo menos um pouco mais... humano.

São Bernardo do Campo, 14 de março de 2007